

Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice*

Ana Helena de Ávila,¹ Márcia Guerra² y
Universidade Luterana do Brasil

Maria Piedad Rangel Meneses³
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI-FW
(Brasil)

Recibido: 12/04/07 Aceptado: 01/06/07

Resumo

Este estudo investigou como o idoso constrói sua auto-imagem a partir da representação social da velhice. Foram realizadas sete entrevistas semi-estruturadas, com idosos de 72 a 91 anos, de ambos os sexos, diferentes classes sociais e diferentes graus de escolaridade, residentes em Porto Alegre e Grande Porto Alegre. As entrevistas abordaram as seguintes áreas de interesse: auto-imagem na velhice, representações sociais da velhice e vivências pessoais. Os resultados indicaram que existem duas possibilidades para a construção desta auto-imagem e ambas estão permeadas pela representação social que o outro tem da velhice.

Palavras chave: velhice, representação social, auto-imagem.

Abstract

This paper researched how the elderly build their self-image from the social representation of the old age. Seven semi-structured interviews were done with people between 72 and 91 years old, males and females, from different social classes and different scholar levels,

* Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Psicologia da ULBRA Canoas.

¹ Psicóloga pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA Canoas. E-mail: anaavilah@gmail.com

² Graduanda do Curso de Psicologia pela ULBRA Canoas. E-mail: guerrapsi@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela PUC-RS, professora dos cursos de Psicologia da ULBRA Canoas e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI-FW. E-mail: piarangelm@gmail.com

all of them living in Porto Alegre and the metropolitan region. The interviews dealt with the following areas of interest: self-image in the old age, social representation of the old age and personal experiences. The results showed there are two possibilities for the construction of this self-image and both are influenced by the conception of social representation which the other has about old age.

Key words: old age, social representation, self-image.

Resumen

Este estudio investigó como el viejo construye su auto-imagen a partir de la representación social de la vejez. Se realizaron siete entrevistas semi-estructuradas, con viejos de 72 a 91 años, de ambos sexos, diferentes clases sociales y diferentes grados de escolaridad, residentes en Porto Alegre y Grande Porto Alegre. Las entrevistas abordaron las siguientes áreas de interés: auto-imagen en la vejez, representaciones sociales de la vejez y vivencias personales. Los resultados indicaron que existen dos posibilidades para la construcción de esta auto-imagen y ambas están relacionadas por la representación social que el otro tiene de la vejez.

Palabras clave: vejez, representación social, auto-imagen

Introdução

Falar sobre velhice em um país como o Brasil, que conserva o ideário de ser uma nação jovem, não é tarefa fácil. Hoje, a população de idosos em nosso país atinge níveis superiores aos de qualquer outra época de nossa história (Pelicer, 1994 citado por Balestra, 2002). Com o aumento da longevidade tornou-se lugar comum discutir o envelhecimento global da população, entretanto, pouco se comenta a respeito da velhice.

Mercadante (2005) diz que a velhice é algo complexo, pois em nossa cultura não existe a idéia clara do ciclo de vida. Arcuri (2005) explica dizendo que possuímos um *script* social muito claro a seguir até a idade de 50 anos e isso nos leva a pensar que as mudanças, que imaginamos possam ocorrer na segunda metade da vida, determinem um futuro que não desejamos reconhecer.

A biotecnologia está conseguindo manter afastada do corpo as marcas de experiências passadas e presentes (Concone, 2005; Côrte, 2005 e Monteiro, 2003) o que faz com que não

nos demos conta desse processo contínuo de envelhecimento, que se dá desde o nascimento. A ciência tem nos possibilitado retardar esse processo biológico, entretanto, não dá conta de transformar o processo psicossocial que é a velhice. Isso explica, em parte, a dicotomia entre aceitação x negação da velhice e produz a necessidade de uma mudança na percepção de sua representação.

Aos velhos, hoje, as qualidades atribuídas que definem o seu perfil identificatório são estigmatizadoras e produto ideológico da sociedade. Eles conhecem e também partilham dessa ideologia que, contudo, define o velho em geral, mas não em particular. Dessa forma, se o velho não sou eu, o velho é o outro (Mercadante, 1997).

Sendo assim, partimos desta necessidade urgente de construir novos conceitos que possibilitem a aceitação do nascimento da velhice. Esse processo de mútuo conhecimento permitiu a construção inicial do contexto de nossa pesquisa, cujos objetivos foram identificar, através da fala dos idosos a existência ou não de um

momento para o nascimento da velhice, bem como, conhecer como se constrói sua auto-imagem, a partir da relação com o outro.

Método

Participantes

Os participantes da pesquisa foram sete idosos de 72 a 91 anos, de ambos os sexos, diferentes classes sociais e diferentes graus de escolaridade, residentes em Porto Alegre e Grande Porto Alegre.

Instrumentos

Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, abordando as seguintes áreas de interesse: auto-imagem na velhice, representações sociais da velhice e vivências pessoais. As perguntas foram realizadas de forma a ampliar e possibilitar ao entrevistado a produção de muitos pensamentos sobre si e seu lugar no mundo.

Procedimento

A pesquisa teve início a partir de um contato telefônico com os idosos, quando foi verificado o interesse e a possibilidade de suas participações nesse estudo. Nesse contato também foi explicado o objetivo da pesquisa e a importância das entrevistas, além de agendada data e local, a critério do idoso, para realização da entrevista.

Posteriormente a esse contato, foi solicitado aos idosos o preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido e permissão para gravação das conversas. Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos idosos, através de conversas informais, norteadas pelas experiências relatadas pelos entrevistados.

Para a análise dos dados obtidos essa pesquisa utilizou o modelo qualitativo, com base na Teoria das Representações Sociais. Segundo Moscovici (1978/2003), representações sociais referem-se à noção de processos psicossociais que determinam a produção do comportamento e das relações com o meio ambiente, desencadeando modificações numa dinâmica constante. São entidades que circulam, se cruzam

e se cristalizam incessantemente através da comunicação em nosso universo cotidiano, constituindo uma modalidade de conhecimento partilhado por um grupo de pertença, compondo-se de questões simbólicas e afetivas.

As entrevistas foram gravadas e, após, ouvidas, transcritas e analisadas a partir da orientação metodológica usada na teoria das representações sociais que, segundo Spink (1994), compreende: a) Transcrição das entrevistas: após terem sido concluídas. As transcrições foram fiéis às falas dos participantes; b) Leitura flutuante do material: intercalando a escuta do material gravado com a leitura do material transcrito; c) Retorno aos objetivos da pesquisa e clara definição do objetivo da representação; e, d) Construção de mapas que transcrevem toda a entrevista.

Resultados e Discussão

A partir do referencial teórico e da vivência dos idosos retratada nas entrevistas sobre a questão norteadora da pesquisa, ou seja, a construção da auto-imagem na velhice, identificamos áreas temáticas que foram distribuídas em sete categorias. Essas categorias foram definidas com base na Teoria das Representações Sociais, e assim denominadas: o idoso, a velhice, qualidade de vida, autonomia e liberdade, limitações, sentimentos de exclusão social e rede de suporte social.

As categorias acima mencionadas foram construídas a partir das falas dos pesquisados, toda vez que elas refletem as representações sociais que os entrevistados possuem da terceira idade e de alguns aspectos concomitantes a ela. Deste modo apresentam distinções entre idoso e velhice, por exemplo, como categorias diferentes. As categorias de qualidade de vida e liberdade, limitações e de sentimentos de exclusão dizem de representações ligadas à capacidade física, emocional e o lugar social do idoso. Por fim, a última categoria dá visibilidade ao suporte social destas pessoas entrevistadas.

Os resultados expressam duas percepções distintas sobre o reconhecimento da velhice. A

primeira refere-se aos participantes que se reconhecem como velhos. Esses revelaram que a velhice é uma construção, sendo assim, não existe um momento específico para o seu nascimento. Para eles, a velhice é um processo psicossocial, que se origina a partir do envelhecimento, destino biológico inquestionável, que se dá a partir do corpo. Corpo este que só é reconhecido tendo em vista a representação social que o olhar do outro carrega.

O não reconhecimento da velhice caracteriza a segunda percepção, onde identificam a presença de marcadores biológicos do envelhecimento, dizendo que se sentem envelhecidos, mas não velhos.

Tanto um grupo quanto o outro constrói sua auto-imagem de acordo com as sete categorias utilizadas neste estudo e que compõem o contexto social. Esta auto-imagem é construída a partir do olhar do outro, que o reconhece ou não, pois nem a própria sociedade tem uma idéia concreta do que é ser idoso hoje. Esta ambivalência se reflete no discurso dos entrevistados, quando expressam que a percepção de si não corresponde, exatamente, à percepção que o grupo social tem deles.

Para melhor compreendermos os resultados deste estudo é fundamental explicitarmos como foi entendida cada uma das sete categorias:

O idoso

A partir do momento em que reconhecemos a velhice como uma categoria social, podemos desconstruir alguns dos preconceitos atribuídos à pessoa idosa pelo contexto sócio-cultural atual. Numa época, em que o poder do corpo físico foi priorizado, a pessoa idosa tornou-se alvo de desvalorização. Segundo Beauvoir (1990), a velhice enquanto destino biológico é uma realidade inquestionável, embora o destino psicossocial da pessoa idosa seja uma realidade socialmente construída, segundo o contexto sócio-político-cultural no qual ela se insere.

Dentre os termos comumente utilizados para identificar o indivíduo envelhecido encontram-se idoso, velho e pessoa de idade avançada. Optamos por utilizar os termos velho e idoso, pois

entendemos que essas palavras são as que melhor traduzem o sentido da passagem do tempo, na vida humana em nossa sociedade, as quais, a maioria dos entrevistados faz referência. Entretanto, uma das pessoas entrevistadas é contrária à utilização do vocábulo idoso, ao dizer:

«(...) Eu não gosto do termo idoso, acho que ele é muito condescendente, tenho uma certa vaidade em ser velho, eu sinto que aonde eu cheguei, muitos não chegarão. O termo idoso parece um pobre coitado, dão uma deferência que não é espontânea (...)» (F., 80 anos).

Essa fala corrobora o entendimento de Messy (1999, p.25), quando diz que «a pessoa idosa não existe», pois, para essa autora, tal expressão não existe como entidade individual, é um termo social, meramente descritivo, que não possui realidade humana.

Por outro lado encontramos um estudo realizado por Carlos, Maraschin e Cantergi (2000, p.45), o qual apontou que os idosos não gostavam das denominações velho e velhice. Atribuíram isso a um deslocamento do significado social desses termos. Esses idosos acreditavam que a utilização de tais vocábulos assumia um sentido pejorativo. Já, de nossos entrevistados, os que se perceberam como velhos, entenderam que os termos velho e velhice são os que melhor representam esse estágio do ciclo vital. Assim, concluímos que a sociedade está conseguindo ressignificar a condição de ser velho hoje e, justamente, é a partir do estudo das representações sociais que podemos contemplar a diversidade de conceitos e formas de aceitação desses termos por parte dos entrevistados.

É importante salientar que não é tarefa fácil delimitar quando uma pessoa se torna velha. Acreditamos que para um melhor entendimento torna-se importante esclarecermos a distinção entre envelhecimento e velhice. As pesquisadoras adotaram esta distinção, com base na fala dos entrevistados e apoiadas no referencial teórico de autores como Erikson (1998); Messy (1999); Concone (2005) e Veloz, Schulze y Camargo (1999).

O envelhecimento não parece ser definido pela idade da pessoa, mas pelos efeitos que essa idade teria causado a seu organismo. Nem a

idade e nem o envelhecimento são observáveis, são estimados por uma consideração conjunta de todas as suas conseqüências desde o nascimento (Groisman, 2002).

Balbinotti (2003) refere que não temos limites biológicos antes da morte, desse modo, não podemos associar o envelhecimento à enfermidade e ao déficit. E Concone (2005) afirma que o envelhecimento é um marcador biológico e a velhice é uma construção social.

Nesse sentido é válido ressaltar que, tanto a velhice, quanto o momento em que ela se dá, não são rígidos, varia de pessoa para pessoa, de acordo com o momento da vida e seus acontecimentos (Messy, 1999).

A mesma autora nos fala que o aparecimento da velhice aconteceria por ocasião de uma ruptura brutal do equilíbrio entre perdas e ganhos. É importante salientar que a perda está associada à entrada na velhice, como um dado que marca e notifica que a presença da finitude está próxima e isso vai se manifestar de maneira diferente em cada um. Porém, nas falas dos idosos que participaram dessa pesquisa, essa percepção de ruptura não aparece. Para quatro dos entrevistados é um processo de vida mais do que uma ruptura que marca o início da velhice.

«(...) Mudanças sutis, que a gente não sente passar, de repente a gente já tá nessa fase (...)» (F., 80 anos).

«(...) Começa assim devagarzinho, quando a gente vê tá (...)» (L., 72 anos).

Se de um lado, esse acontecer da transição sutil da idade está presente em alguns idosos, que podemos entender como um processo lento e tranqüilo, também poderíamos propor uma outra explicação para que os idosos não percebam o nascimento da velhice como uma ruptura; essa seria o do não reconhecimento da própria velhice. Esse entendimento surgiu a partir da fala de três dos entrevistados.

«(...) Eu não sou velha, eu sinto assim que eu tenho mais idade... Ser velho para mim é ser inútil... Minha vizinha de 80 anos não anda mais (...)» (M., 80 anos).

«(...) Eu não acredito na velhice, não existe a velhice... Nosso corpo é uma máquina, essa

máquina tem que ser cuidada (...)» (R., 91 anos).

«(...) Eu não me considero velha, eu não acho que sou velha, eu sei que tenho idade, mas não me acho velha (...)» (E., 80 anos).

Desse modo, a velhice pode ser entendida como uma representação social de um lado e uma construção individual e vivencial, do outro. E é precisamente desta tensão indivíduo x sociedade que se alimentam as representações sociais, o lugar da ambivalência, o lugar do oposto convivendo juntos. Portanto, entendemos que a idade e, principalmente, a velhice se reconhece no outro (fala da M.), mas não em si, se reconhece na função do corpo, mas não no percurso do tempo vivido.

Sabedoria e integridade estão relacionadas à vivacidade e consciência necessárias para que se vejam todos os relacionamentos com vigorosa atenção. O pensamento está mais coeso, as crenças, a religião e a filosofia de vida são suportes, portanto, a percepção também é de coesão.

Alguns dos entrevistados percebem que nessa idade têm maior sabedoria, o que reafirma a teoria dos estágios do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1998). Essa teoria explica que o desenvolvimento se processa ao longo da vida e permite que o indivíduo adquira uma identidade à medida que ultrapassa uma série de estágios psicossociais. O oitavo estágio, denominado integridade x desespero, apresenta o medo da morte como crise psicossocial e como resolução positiva o desenvolvimento da sabedoria.

Monteiro (2005) cita que a sabedoria compreende o esvaziamento e quietude da mente, dedicação do coração e a alquimia da razão e do sentimento. Na sabedoria há o deslumbramento do todo, discernimento do que é importante e do que não é, ponderando o significado e a profundidade das coisas.

«(...) numa roda de conhecidos eu lido com jovens, e me torno, às vezes, centro do momento alegre... Sempre, quase sempre, tenho resposta para alguma coisa que digam, né... Alguma crítica que façam, eu tenho a contra resposta (...)» (F., 80 anos).

«(...) Muitos jovens não têm a bagagem que eu tenho, talvez por causa da idade mesmo, a gente vai adquirindo ao longo da vida (...)» (L., 72 anos).

Entretanto, essa imagem de velho sábio de cabelos brancos, que acumulou experiências ao longo da vida, para ser bom e correto em suas atitudes se torna, por vezes, uma exigência social. Segundo Monteiro (2003), os velhos devem dar o exemplo de boa conduta e demonstrar serenidade, aceitando essa condição sem reclamar. Se o velho se afasta dessa imagem é visto como «caduco». Porém, no contexto onde moram os idosos que participaram da nossa pesquisa, parece que essa exigência não é feita a eles. Podemos deduzir isso porque em nenhuma das entrevistas esses se referiram a ter recebido essa forma de tratamento. Apenas uma das entrevistadas manifestou a percepção de não conseguir mais corresponder a uma exigência social, entretanto, não a percebendo de forma negativa, quando fala:

«(...) Eles acham que eu tenho força, eu acho que não... As pessoas me dão valor de mais, acho exagerado... Eu tenho que fazer força para ser o que elas querem... Eu não sou aquilo que pensam que eu sou, eu tenho que melhorar muito mais (...)» (Z., 90 anos).

Uma outra forma de cobrança imposta pela sociedade é a da juventude eterna, pois vivemos em uma sociedade, onde o crescimento das ofertas no setor de cuidados com o corpo que vão da cosmética à cirurgia plástica, da suplementação alimentar às dietas e aos exercícios, prometem retardar os efeitos da passagem do tempo ou pelo menos algumas de suas marcas mais notórias (Concone, 2005).

Como consequência, a insatisfação de alguns velhos com relação ao próprio corpo pode estar associada a certas restrições e à diminuição das possibilidades corporais, como também à idéia de que um corpo velho é um corpo feio. Certas pessoas reclamam que seus corpos não inspiram mais nenhum atrativo, sobrando apenas tristeza e lembranças de um tempo de sedução. O velho que possui a crença de que o seu corpo é digno

de repulsa, conseguirá o distanciamento de si mesmo, negligenciando esse corpo, dessensibilizando-o (Monteiro, 2003).

Diferente do que traz a literatura, nossos entrevistados, não fizeram referência ao desejo em atender a essa imposição estética. Inclusive, uma das entrevistadas revelou estar satisfeita com sua aparência, quando diz:

«(...) Eu não me preocupo... Que eu to com rugas, eu me acho bonita para a idade, eu me acho bem (...)» (E., 80 anos).

As pesquisadoras acreditam ser interessante salientar que no discurso de três dos entrevistados, a negação da velhice também pode estar associada à rejeição da imagem corporal, já que «um corpo velho é um corpo feio».

A velhice

«Queiramos ou não, acabamos por render-nos ao ponto de vista de outrem» (Beauvoir, 1990, p.353). Beauvoit (citado por Mercadante, 2005) explica que, por muitos anos, as pessoas podem sentir-se jovens ou adultos com uma única idade, mas em um determinado momento se vêem, a partir dos outros, fora da categoria de jovem e de adulto, entrando, então, e se estabelecendo na categoria de velho. Assim, podemos concluir que a representação social da velhice, para o idoso, é construída a partir do outro e é nesse outro reconhecida.

Pôde-se constatar que os entrevistados têm consciência de sua idade, porém todos referem que a percepção de si não corresponde exatamente à percepção que o grupo social tem deles. Messy (1999) comentou que podemos ser velhos, ver-nos como velhos sem nunca nos sentirmos velhos. Dentre as falas representativas, nas entrevistas, que dão conta desta categoria estão:

«(...) Uma coisa que me chamou muita atenção... Eu achava que tava velha, mas uma velha enxuta. Aí, eu entro no ônibus pela porta da frente, como todos os velhos, né. Vi uma senhora, que eu olhei assim, eu achei muito mais velha do que eu, uma senhora de idade mesmo, e ela levantou prontamente para me dar o lugar. Aí sim, eu me arrasei (...)» (L., 72 anos).

«(...) Nós chamamos eles de velhinhos e eles chamam nós de velhos também (...)» (E., 80 anos).

«(...) Velha é ser uma pessoa que tem que ser dependente... Quando eu ficar velha eu vou aceitar (...)» (Z., 90 anos).

Mercadante (1997) comenta sobre as qualidades que são atribuídas aos velhos para definir o seu perfil identificatório como uma produção ideológica da sociedade. Enfatiza que os velhos conhecem e também partilham dessa ideologia que define o velho em geral, mas não o define em particular. Dessa forma, entende que «o velho não sou eu, o velho é o outro.»

Todos os entrevistados, em algum momento durante as entrevistas, trouxeram dados que nos permitiram identificar essa ideologia social.

«(...) Até um casal de velhos que param para conversar, a gente pára, né. Pára ali e conversa com eles (...)» (A., 80 anos).

«(...) Aos meus olhos ela aparentava ser muito mais velha do que eu e aos olhos dela eu era mais velha. Aí sim, foi o princípio do fim (...)» (L., 72 anos).

«(...) Ser velho para mim é ser inútil... Minha vizinha de 80 anos não anda mais (...)» (M., 80 anos).

Qualidade de vida

A concepção de qualidade de vida utilizada nesse estudo apóia-se na definição de Paschoal (2005, p.72) que a define como «a percepção de bem-estar de uma pessoa, que deriva de sua avaliação do quanto realizou, daquilo que idealiza como importante para uma boa vida e de seu grau de satisfação com o que foi possível concretizar até aquele momento».

A definição de qualidade de vida apresentada pelo grupo de especialistas da Organização Mundial da Saúde (The Whoqol Group citado por Paschoal, 2000) compreende a percepção do indivíduo acerca de sua posição na vida, de acordo com o contexto cultural e os sistemas de valores nos quais vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

Para Neri (1993) apesar da aparente contradição, entre velhice e bem estar, também é possível haver boa qualidade de vida na idade madura e na velhice. Afirma que várias disciplinas no âmbito das ciências biológicas, da psicologia e das ciências sociais têm a tarefa de identificar as condições que permitem envelhecer bem, com boa qualidade de vida e senso pessoal de bem-estar. Entretanto, a promoção da boa qualidade de vida nessa fase é um empreendimento de caráter sócio-cultural, ultrapassando os limites da responsabilidade social.

Nas entrevistas realizadas esta categoria também foi observada na percepção dos entrevistados como auto-realização, auto-estima, reconhecimento, aceitação e felicidade. Dessa forma, observou-se que a qualidade de vida provém das relações positivas que o idoso estabelece consigo próprio e com os demais. Constatamos que as crenças culturais sobre o idoso contribuem na percepção dessa qualidade, toda vez que na nossa cultura esse está cercado pelo respeito e cuidado.

«(...) Não me falta nada... Eu vivo muito bem, mas eu me cuido... Tudo que eu quero eu posso fazer (...)» (Z., 90 anos).

«(...) Vamos fazer caminhadas... Não tenho do que me queixar da vida... Não podemos nos queixar da velhice... Ela é boa... Vivemos melhor do que quando éramos mais novos (...)» (E., 80 anos).

Dessas duas falas, representativas da percepção de qualidade de vida, podemos inferir que o contexto onde os nossos entrevistados vivem oferece condições favoráveis a essa etapa desenvolvimental. É importante entender isso, uma vez que o sul do país detém um dos maiores índices de qualidade de vida o que se traduz, também, em longevidade. Mas a longevidade não como condição à toa, meramente biológica, e sim, como condição psicossocial de qualidade.

Autonomia e liberdade

Entendida como a possibilidade de optar, a partir da percepção de se valer por si próprio, sem depender permanentemente dos outros, foi

referida pelos idosos como a capacidade de se auto-sustentar financeiramente, ter capacidade e atividade intelectual preservadas e capacidade de se deslocar pela cidade sem companhia.

Todos os idosos entrevistados revelaram possuir, nessa etapa da vida, uma maior independência e autonomia. Essa percepção vem ao encontro das definições de autonomia de Baumam (2005) e Morin (1998), os quais dizem que a liberdade e a autonomia não são conceitos absolutos, mas que estão condicionados a fatores psicossociais e biológicos. Assim, por exemplo, a necessidade de companhia para transitar por lugares que o idoso deseja quebra o paradigma da crença de liberdade e autonomia absolutas. Nesse caso, seu deslocamento está condicionado a fatores do seu contexto social e familiar, produzindo um desconforto ao se depararem com esta situação.

«(...) Eu vivo mais ou menos bem, tô aposentada, não preciso... Enquanto eu puder me sustentar sozinha... Eu sou muito independente... Eu cuido do meu dinheiro, por enquanto tá tudo sobre minha direção... Elas não me deixam sair sozinha, pra sair de casa só de táxi ou quando alguém me leva (...）」 (Z., 90 anos).

Até bem pouco tempo, vivíamos em uma sociedade que valorizava a aposentadoria como o momento de desfrutar o tempo livre, realizar expectativas e desejos protelados. Entretanto, os valores de aposentadoria e as políticas sociais comprometem essas expectativas, arrefecem desejos e diminuem o tempo livre (Concone, 2005).

Concone ainda nos diz que as idades de aposentadoria têm variado em termos de políticas sociais e a percepção de seguimentos do mercado de trabalho, em relação ao limite etário considerado ideal para determinadas atividades, também está mudando.

Encontramos entre os entrevistados diferentes referências em relação à situação financeira. Logo, consideramos, que apesar dessas diferenças, os idosos sentem que possuem uma melhor qualidade de vida, em razão do sentimento de independência e autonomia. Esse sentimento, entre outras razões, se origina da

possibilidade de disporem de tempo livre para desfrutar do convívio familiar e atividades que lhes sejam prazerosas.

«(...) Agora vou pagar uma viagem para os quatro filhos... O que eu posso fazer agora é dar dinheiro... É só botar a mão no bolso e tirar... Não me falta nada, tudo o que eu quero eu tenho (...）」 (Z., 90 anos).

«(...) Agora estamos tranquilos... Antes a gente tinha que trabalhar... Agora a gente fica mais juntos (...）」 (A., 80 anos).

«(...) A única coisa que na idade me perturba é a situação financeira... a gente escolhe mal os governantes... hoje eu ganho quatro vezes menos do que ganhava antes (...）」 (F., 80 anos).

Essa percepção de capacidade x incapacidade, liberdade x dependência é contraditória e faz parte de uma tensão da modernidade. Principalmente, porque no mundo capitalista as pessoas são motivadas a fazer parte de um mercado consumista, que entrou nas individualidades como forma de autonomia. Ser autônomo tornou-se sinônimo de ser capaz de se endividar, de não precisar da ajuda de outros.

Limitações

O registro corporal é, segundo Messy (1999), sem sombra de dúvida, aquele que fornece as características da pessoa de idade avançada: cabelos brancos, reflexos menos rápidos, enrijecimento, pequenas perdas, certas restrições que adquirem, no caso, significado total.

Erikson (1998) comenta que a deterioração física dos olhos, ouvidos, dentes, ossos e de todos os sistemas do corpo muitas vezes infligem uma inevitável redução do contato com os outros e com o mundo externo. As respostas emocionais e psicológicas ao declínio, também podem inibir o alcance do contato.

Monteiro (2003) compreende que é formulada uma identidade negativa, principalmente, a partir dessas características biológicas e físicas, que assumem força e presença, passando a definir o indivíduo como um todo, não respeitando suas particularidades. Isso faz com que os idosos sejam considerados incapazes e limitados.

Para Preti (1991), é a partir dos 80 anos que a consciência da velhice torna-se mais freqüente; e ainda completa, dizendo que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser. A fala de nossos participantes nos leva a compreender, porque esse autor complementa o pensamento do aparecimento da consciência da velhice, explicando que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser. Pois, entre os participantes encontramos uma pessoa com idade inferior a 80 anos que, em oposição a outros dois, com idades de 90 e 91 anos, expressa o sentimento de ser velho.

«(...) Eu não sou velho... Não, não existe velho (...)» (R., 91 anos).

«(...) Agora que eu tenho me sentido mais limitada, aos 90 anos (...)» (Z., 90 anos).

Nas entrevistas encontramos referências às limitações naturais de movimentos, cansaço, fragilidade, incapacidade física e problemas de saúde.

«(...) pelo menos fisionomicamente eu tô velho; o movimento de pernas principalmente, que a gente não tem mais, uma criança de 3 anos corre mais... Meu mal tá nas pernas e nos olhos... Vou fazer uma coisa e se não fiz na hora, já não me lembro o que é... Eu acho que os neurônios gastam (...)» (F., 80 anos).

«(...) eu acho que quando a gente se dá conta, já tá velho. Quando acontece uma limitação... Tu queres fazer uma coisa e não consegue fazer. Porque começa assim, a minha começou quando eu queria cortar as unhas dos pés e não consegui... Foi o primeiro ato... Começou com a limitação física. A capacidade física começou a diminuir (...)» (L., 72 anos).

«(...) Às vezes, me esqueço que sou da terceira idade, porque eu não sou velho... Não, não existe velho (...)» (R., 91 anos).

O velho também pode sentir-se limitado em sua expressão, a partir da negação e exigência, da submissão e obediência que a tirania do outro lhe impõe (Monteiro, 2003). O autor ainda traz uma contribuição importante, quando diz que qualquer relação em que haja dominação é uma relação que coloca as pessoas em uma posição auto-limitante, passiva, sem oportunidades de

serem quem realmente são, de viverem o que desejam para sua vida.

«(...) só fico necessitada quando elas não deixam, e eu acho que eu podia, é companhia para sair (...)» (Z., 90 anos).

Sentimentos de exclusão social

A sociedade, com sua cultura de exclusão, deixa à parte esse outro que ninguém quer como espelho, porque, talvez, anuncie a possibilidade do próprio futuro que cada um poderá vir a ter (Monteiro, 2003).

A existência de uma identidade construída com base nesse modelo estigmatizador e de exclusão do idoso é identificada por Birman (1995, p.39) quando afirma que «o idoso é considerado alguém que existiu no passado, que realizou seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo».

As idéias que relacionam velhice e tempo, que apontam para um velho que não investe no presente, nem projeta para o futuro, conformam uma noção de idoso que só tem passado, lembranças para rememorar e, no futuro, o confronto com a morte. São essas mesmas idéias que negam a possibilidade de um futuro para o velho (Mercadante, 2005, p.32).

Essa percepção de exclusão foi observada a partir de situações em que o idoso refere sentir segregação e descaso. Também chama atenção que termos «politicamente corretos», para se referir ao idoso na nossa cultura, são percebidos por eles como forma de exclusão. Além disso, observamos que o idoso possui um lugar social privilegiado em atividades da vida cotidiana, como caixas preferenciais nos mercados e bancos, lugares preferenciais em ônibus e metrô e isenção de passagens.

No decorrer das entrevistas avaliamos que os idosos entendem a intenção da criação desse espaço privilegiado, entretanto, consideram que esse tratamento estigmatiza e segrega o velho. Esta situação foi observada pela rejeição deles para o uso de termos como terceira idade, melhor idade e idade de ouro, pois em geral contestam esses privilégios e formas de nomeação,

preferindo ser reconhecidos diretamente como velhos ou idosos. Isso pôde ser observado através das seguintes falas:

«(...) Eu detesto, é segregação, para mim isso aí separa (...)» (L., 72 anos).

«(...) Não é melhor idade. Melhor idade é a mocidade, que eu aproveitei o que deu... No cheque também, eu vou mandar tirar a palavra melhor idade (...)» (Z., 90 anos).

«(...) Eles pegaram e colocaram aquela tranca ali, o velho ficou aglomerado, parece um galinheiro... Tudo apertadinho ali naquela frente. Daqui para lá são as pessoas, os jovens que têm capacidade de pagar sua passagem, porque vêm a vida pela frente, aqui ficou a limalha, o que sobrou. Para mim, isso aí é discriminatório, eu acho, aliás, que tudo o que separa é discriminatório, é faculdade para negro... Sabe o que eu acho, pegaram os velhos e determinaram um lugar na família, na sociedade. De repente, eu acho, que a intenção foi boa (...)» (L., 72 anos).

Nas falas dos entrevistados entendemos como, às vezes, as estratégias voltadas para ajudar e dar condições privilegiadas a setores da população podem acarretar efeitos negativos, não esperados. Assim, o cuidado, para alguns faz parte do privilégio de envelhecer e, para outros, parece um fardo que deve ser levado aos demais anos de vida.

Rede de suporte social

Embora na velhice já tenham sido aprendidas muitas das habilidades de que se necessita para viver bem, o contato com outras pessoas mantém-se imprescindível. Os outros permanecem potencialmente fonte de segurança, de amor, de sentimentos de pertencer a um grupo, além de servirem como parâmetros para o indivíduo avaliar a adequação de seus comportamentos, sentimentos e aquisições. Por meio dos outros, cada um pode confirmar a idéia que faz de si mesmo: sua capacidade, seus valores, opiniões e competência (Erbolato, 2002).

Os contatos sociais permitem um engajamento social, que também é uma forma de se chegar ao bom envelhecimento. Segundo Freire (2000), a vida na velhice pode ser

satisfatória, com qualidade e bem-estar, especialmente quando há disposição para enfrentar os desafios da vida, lutar pelos direitos dos cidadãos e pôr em prática projetos viáveis dentro das condições pessoais e do meio ambiente em que se vive.

As pessoas que apresentam maior satisfação com a vida hoje são aquelas que recebem mais suporte afetivo, já, as pessoas que contam com outras para suporte instrumental, acreditam que estarão mais satisfeitas no futuro. Pôde-se observar no desenvolvimento dessa pesquisa que as relações sociais e o suporte social são de grande importância em todos os momentos da vida e, sendo assim, os comportamentos se alteram de acordo com as mudanças de metas, de objetivos, sintonizadas com as motivações implementadas pelas tarefas evolutivas. As redes de relações são importantes fontes de suporte social e estão relacionadas ao senso de bem-estar.

«(...) Tá uma vida gostosa, eu acho que os filhos fazem, muito, parte da vida da gente, a gente não consegue se separar, ter uma vida individual, assim sozinha... Eu sou muito paparicada pelos amigos, que tu é bonita, que tu não sei o que... aquelas massagens do ego, então a gente se acha assim, a tal, né. Eu recebo muito carinho dos amigos... Eles são jovens, entre 40 e 50 anos (...)» (L., 72 anos).

«(...) Para mim a vida tem sido boa demais... Porque só a família reunida, eu moro sozinha, mas nunca tô sozinha... Eu nunca vi família tão unida... Isso é que me dá vida (...)» (Z., 90 anos).

Observamos nas falas dos entrevistados que o contexto social oferece nutrientes emocionais (Linares, 1996) de respeito, valorização e afeto. Esses nutrientes vão favorecer a passagem da idade adulta para a terceira idade com possibilidades de que o idoso tenha melhor qualidade de vida.

MacIver e Page (citado por Monteiro, 2003) descrevem que as relações sociais envolvem um sentido de comunidade que coopera entre si, assim, a sociedade corresponde também a princípios de semelhança e diferença, que podem ser entendidos como opostos lógicos, entretanto,

encontram-se ligados entre si. Logo, compreender a semelhança depende da compreensão de sua relação com a diferença.

Nessa discussão de resultados podemos apreciar como as representações sociais que o idoso tem, a partir do outro, lhe ajuda a sentir-se em lugares diferenciados, ao mesmo tempo, que lhe produz o estranhamento de estar compartilhando um ciclo de vida, que para vários deles, ainda não chegou ou que poderia ser adiado.

Desse modo, pesquisar sobre a idade nas representações sociais permitiu-nos também compartilhar alguns dos estranhamentos sobre as nossas idéias e conceitos sobre a velhice. Estar em contato com idosos possibilitou-nos repensar algumas crenças sobre as condições de envelhecer e, principalmente, confrontar nosso olhar da cotidianidade com uma aproximação do olhar do profissional da psicologia, que tenta compreender o desenvolvimento humano.

Foi assim que nos deparamos com a importância de estarmos atentas a várias fontes e resultados que a pesquisa nos permitiu observar e entender, desde distintas perspectivas, sem nos obrigar a enquadrá-las em um entendimento único e fechado.

Conclusão

Como foi observado nas categorias analisadas, se de um lado aparece um cuidado ao idoso e vários privilégios pela sua condição, por outro e, ao mesmo tempo, nas relações sociais eles também são excluídos. Dessa forma, pensamos que as representações sociais do idoso convivem com o conflito, a oposição e a divergência.

Pôde-se constatar, durante a pesquisa, que os idosos entrevistados gostam e preferem ser chamados de velhos e isso parece representar que a velhice está adquirindo significação individual. Pois, embora não gostem do lugar social denominado terceira idade, esse foi um passo inicial à construção dessa nova identidade. Isso evidencia que a presença do idoso, cada vez mais consciente de sua capacidade de reverter

o atual quadro de exclusão social que o estigmatiza à condição de cidadão de segunda categoria, é gradativa e crescente. O idoso está aprendendo a importância e a necessidade de adotar hábitos saudáveis como forma de preservar e melhorar sua vida, saúde e bem-estar. Com isso, aquelas imagens de tristeza, dores sem fim, isolamento e falta de perspectivas diante dessa etapa de vida, aos poucos, perdem seus lugares no imaginário coletivo.

A velhice é, sem dúvida, uma trajetória marcada por infinitas experiências que são norteadas por valores, metas, crenças e formas próprias que o idoso utiliza para interpretar o mundo. Assim, se tomarmos por base, os discursos de nossos entrevistados e o aporte teórico atual, sobre o que é ser velho hoje, encontraremos inúmeras características individuais, que irão de encontro ao modelo geral, permitindo a produção de um novo conceito do sujeito velho.

Tantas possibilidades nos trazem a lembrança, de uma avaliação da lógica do pensamento positivista, presente na expressão ordem e progresso. Nela, sob a óptica do dinamismo dos processos biológicos dos seres vivos, há a necessidade de desordem para o crescimento e a maturação das espécies. A desordem, por vezes, viabiliza a criatividade e evolução, pois é na dinâmica dos pensamentos que se dá a possibilidade de mudança. Desse modo, podemos concluir que se torna urgente uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e em nossos valores, que propiciem o nascimento e o reconhecimento da velhice sem traumas.

Referências

- Arcuri, I. G. (2005). Velhice: da gerontofobia ao desenvolvimento humano. Em B. Corte, E.F. Mercadante y I.G. Arcuri (Ed.). *Velhice, envelhecimento, complex (idade)* (pp. 35-56). São Paulo: Vetor.
- Balbinotti, H. B. F. (2003). *Adulto Maduro: O Pulsar da Vida, uma abordagem psicológica*. Porto Alegre: WS Editor.

- Balestra, C. M. (2002). *A imagem corporal de idosos praticantes e não praticantes de atividades físicas*. Dissertação Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas:
- Bauman, Z. (2005). *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Birman, J. (1995). Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade em psicanálise. Em R. Veras (Ed.) *Terceira idade, um envelhecimento digno para o cidadão do futuro* (pp. 29-48). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Carlos, S. A., Maraschin, C. y Cantergi, M. (2000). O velho e a representação social da velhice. *Kairós*, 3, 35-52.
- Concone, M. H. V. B. (2005). O corpo: Cultura e Natureza. Pensando a velhice. Em C. B. (Ed.) *Velhice, envelhecimento, complex (idade)* (pp. 131-144). São Paulo: Vetor.
- Côrte, B., Mercadante, E. F. y Arcuri, I. G. (2005). *Velhice, envelhecimento, complex (idade)*. São Paulo: Vetor.
- Erbolato, R. (2002). Relações Sociais na Velhice. Em E. V. Freitas, et al. (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 957-964). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Erikson, E. (1998). *O Ciclo de Vida Completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freire, S.A. (2000). Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. Em A. L. Neri y S. A. Freire (Ed.), *E por falar em boa velhice* (pp. 21-31). Campinas: Papirus.
- Groisman, D. (2002). A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde*, 9. Acessado em 14/04/2006, Disponível: <http://www.scielo.br>
- Linares, S. I. (1996). *Identidad y narrativa*. Buenos Aires: Paidós.
- Mercadante, E. F. A. (1997). *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese de Doutorado. São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Mercadante, E. F. A. (2005). Velhice: uma questão complexa. Em B. Côrte, E. F. Mercadante, y Arcuri, I. G. (Ed.) *Velhice, envelhecimento, complex (idade)* (pp. 23-34). São Paulo: Vetor.
- Messy, J. (1999). *A Pessoa Idosa não Existe*. São Paulo: Aleph.
- Monteiro, P. P. (2003). *Envelhecer: Histórias, encontros, transformações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Monteiro, P. P. (2005). Somos velhos porque o tempo não pára. Em B. Corte (Ed.), *Velhice, envelhecimento, complex (idade)* (pp. 57-82). São Paulo: Vetor.
- Morin, E. (1998). *El Método. Las ideas de las Ideas*. Barcelona: Gedisa.
- Moscovici, S. A. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moscovici, S. A. (2003). *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Neri, A. (1993). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus.
- Neri, A. y Freire, S. A. (2000). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus.
- Paschoal, S. M. P. (2000). *Qualidade de vida do Idoso: Elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião*. Dissertação Mestrado. São Paulo, SP: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.
- Paschoal, S. M. P. (2005). Qualidade de vida. Em W. Jacob Filho (Ed.), *Avaliação Global do Idoso: manual da Liga da Gamia* (pp. 59-77). São Paulo: Atheneu.
- Preti, D. (1991). *A linguagem dos idosos – Um estudo da análise da conversação*. São Paulo: Contexto.
- Spink, M. J. (1994). Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. Em: S. Jovchelovitch y P. Guareschi, (Eds.), *Textos em representações sociais* (pp. 117-148). Petrópolis: Vozes.
- Veloz, M., Schulze, C. y Camargo, B. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 479-501.